

ARTIGO

REVISTA *CICLÓN*
Redes de Sociabilidade e
Polêmicas Intelectuais
Durante a Ditadura de
Fulgencio Batista

CAROLINE DRUMMOND
Universidade Federal de Minas Gerais
Belo Horizonte | Minas Gerais | Brasil
caroldrummond@gmail.com
orcid.org/0000-0001-8055-5679

Ciclón foi dirigida e editada pelo crítico literário José Rodríguez Feo e pelo escritor Virgilio Piñera entre 1955 e 1959. A revista debatia principalmente a poesia, o papel do intelectual na sociedade cubana e a sexualidade. A concepção de cultura dos editores de *Ciclón* se baseava na liberdade de criação e de ideias, não se ajustando à “moral oficial”, mas construindo uma cultura que não temeria os temas tabus nem a censura da ditadura de Fulgencio Batista. Neste artigo, analisaremos as redes de sociabilidade intelectual conformadas ao redor da publicação, bem como o editorialismo programático da revista e algumas das polêmicas suscitadas.

Intelectuais—Cuba—Revistas

ARTICLE

CICLÓN
*Sociability Networks and
Intellectual Controversies
During Fulgencio Batista's
Dictatorship*

CAROLINE DRUMMOND

Universidade Federal de Minas Gerais
Belo Horizonte | Minas Gerais | Brazil
caroldrummond@gmail.com
orcid.org/0000-0001-8055-5679

Ciclón was directed and edited by the literary critic José Rodríguez Feo and the writer Virgilio Piñera between 1955 and 1959. The magazine primarily debated poetry, the role of intellectuals in Cuban society, and sexuality. The editors' conception of culture in *Ciclón* was based on freedom of creation and ideas, not conforming to the “official morality”, but rather building a culture that would be unafraid of taboo subjects or the censorship of the Fulgencio Batista dictatorship. In this article, we will analyze the networks of intellectual sociability formed around the publication, as well as the programmatic editorialism of the magazine and some of the controversies raised.

Intellectuals—Cuba—Magazines

A CRIAÇÃO DA REVISTA *CICLÓN*

Como é sabido, os títulos das revistas são um sinal de seus programas, de como os editores se concebem, de como formulam a missão da publicação no campo das demais revistas com as quais competem ou se opõem, se surgem para transgredir ou para continuar com o *status quo* (Grillo 2010, 10). Representando violência tropical, a imagem do ciclone proposta por *Ciclón* pretendia simbolizar polêmica e contrapor-se à revista *Orígenes*.¹ *Ciclón* foi dirigida e editada pelo crítico literário José Rodríguez Feo e pelo escritor Virgilio Piñera. A publicação circulou de acordo com sua periodicidade bimestral de 1955 até 1957, totalizando 14 números, e seu 15º e último número, no qual realizou-se uma cobertura da Revolução Cubana, foi impresso em 1959. A revista debatia principalmente a poesia, o papel do intelectual na sociedade, a sexualidade e colocava em questão paradigmas de valor estético, apostando no absurdo e no grotesco, que estavam à margem dos círculos intelectuais (Moreno 2015, 5).

A publicação era composta por uma seção com artigos principais e outra de textos diversos, com notas da atualidade cultural, que se intitulava “Barómetro”. Entre essas duas seções havia “Textos futuros”, que depois se chamaria “Revaluaciones” e, em alguns números, publicou-se a seção “Teatro”. Em “Revaluaciones” veiculou-se textos de autores considerados transgressores ou pouco compreendidos, como Marquês de Sade, Oscar Wilde, Walt Whitman, Emilio Ballagas, Macedonio Fernández e Rubén Martínez Villena. “Teatro” apresentou algumas peças próximas à estética do absurdo, de Niso Malaret e Antón Arrufat.

Foi assim que a proposta da revista começou a intervir no espaço cultural de Cuba em 1955, onde difundiam-se diversos projetos editoriais nos quais circulavam textos de autores já consagrados, como Jorge Mañach, Lezama Lima, Fernando Ortiz, Nicolás Guillén e Alejo Carpentier, bem como textos de autores mais jovens. Segundo Rafael Rojas (2006, 153), *Ciclón* começou a circular no momento que uma grande corrente niilista, ainda que refinada e cosmopolita, letrada e vanguardista, ganhava força no meio intelectual cubano.

A revista veiculou textos de jovens escritores cubanos, como Antón Arrufat, Calvert Casey e Guillermo Cabrera Infante, que depois seriam reconhecidos dentro e fora de Cuba como grandes escritores; produções de escritores franceses ligados à Escola de Patafísica; bem como textos de Jorge Luis Borges e aqueles escritores da conceituada revista argentina *Sur*² mais próximos a ele, como Adolfo Bioy Casares e Silvina Ocampo. Além disso, foram editados três números especiais, sendo um deles em homenagem a Ortega y Gasset, outro a Sigmund Freud e, em 1959, à Revolução que ocorria na ilha. Foram realizadas, ainda, traduções polêmicas para o espanhol, como a de “Las 120 jornadas de Sodoma”, do Marquês de Sade. Segundo artigo de Rodríguez Feo (1992, 44):

¹ Importante revista cultural publicada entre 1944 e 1956 em Cuba. Dirigida por José Lezama Lima e José Rodríguez Feo, a publicação congregou parte da intelectualidade vinculada ao republicanismo católico da ilha.

² Revista cultural argentina fundada por Victoria Ocampo, circulou de 1931 a 1992. Entre o início da década de 1940 e meados da década de 1950, *Sur* ocupou um lugar central e hegemônico no meio literário argentino e latino-americano. A revista preocupava-se principalmente com o resgate de valores perenes e com o papel do intelectual perante um mundo em crise (Moreno 2009, 16-18).

Sale *Ciclón*, y *Ciclón* desde que salió, ya con otro rumbo, hacia la tormenta, la tormenta *Ciclón*, un huracán. [...] Entonces el primer número de *Ciclón* aparece con un fragmento de *Las ciento veinte jornadas del Marqués de Sade*. Entonces nosotros ahí dimos la clarinada, esta revista no era *Orígenes*, era otra cosa. Y salió con lo del Marqués de Sade [...], por primera vez en español, creo, traducidas. Fue un escándalo, un escándalo. Claro, en la cultura oficial, los escritores de la gente del gobierno de Batista, Guillermo S...(?), del Ministerio de Cultura (sic), me llamó diciéndome: "es un escándalo". [...] Cuba era lo que era en aquella época, un país inculto, subdesarrollado, no le interesaba la cultura, etc, etc, un pueblo que no leía, no como ahora. [...] *Ciclón* fue igual [a *Orígenes*]: una revista con gran aceptación fuera. [...] *Orígenes* y *Ciclón* ofrecen gran importancia para la literatura cubana, la dan a conocer en el mundo. Octavio Paz, Alfonso Reyes, leían *Orígenes* y *Ciclón*, colaboraron en las revistas. Las leían en Buenos Aires Borges y la gente de Sur, las leía en Estados Unidos Wallace Stevens, las leía en Madrid Vicente Aleixandre.

A revista circulou por países como México, Argentina, Estados Unidos e Espanha, divulgando a literatura cubana. A sexualidade ocupou um lugar de destaque, e foi o eixo de três dos cinco ensaios publicados na seção "Revaluaciones", sendo eles "Oscar Wilde en prisión" de Robert Merle (n. 3, 1955), "Walt Whitman" de Leslie Fielder (n. 4, 1955) e "Ballagas en persona" de Piñera (n. 5, 1955).

A publicação era editada em Havana por Rodríguez Feo e Virgilio Piñera atuava como secretário e correspondente em Buenos Aires. Todas as colaborações e traduções publicadas eram inéditas e a revista remunerava seus colaboradores. *Ciclón* circulava por meio de sistema de assinaturas, venda em livrarias e Rodríguez Feo fazia questão de enviá-las por correio àqueles intelectuais que entendemos como o público desejado da revista. Em correspondência a Piñera em 25 de março de 1955, Rodríguez Feo lhe fez uma solicitação:

Quiero que me envíes las direcciones de Mallea, F.L. Bernárdez, C. Mastronardi, Fdez. Moreno, Silvina, Bioy Casares, H.A. Murena, María Rosa Oliver, Borges, González Garaño, Payró, Canal-Feijóo, Roberto Guisti, J. Adolfo Vázquez, V. Fattone, Alberti, Gómez de la Serna, Enrique Molina, Norah Lange, R. Molinari, Ferreyra Baso, M. Fingerit, Nalé Roxlo, O. Gironde, Luis Franco, A. Marasco, R. Rojas. Es una lata, pero quisiera tener esas direcciones para que reciban *Ciclón* y así tú no tienes que estar enviándolos desde allá. No te olvides, Virgilio!! (Pérez León 1995, 168)

Percebe-se, desta maneira, que *Ciclón* se destinava e circulava, majoritariamente, entre intelectuais. Segundo Severo Sarduy (1959, 2), que colaborou na publicação: "Creíamos los escritores que nuestro pueblo era, casi por definición, indiferente a la cultura: ello robusteció las 'torres de marfil' y el hermetismo". Ainda segundo Sarduy (1959, 2), "los escritores, de este modo, nos hemos vuelto nuestros propios lectores".

Nas correspondências entre Piñera e Rodríguez Feo, também transparece uma preocupação em serem mais bem-sucedidos que seus "adversários". Rodríguez Feo, anteriormente "mecenas" da revista *Orígenes*, dirigida pelo escritor José Lezama Lima, se afastou do escritor católico ao longo dos anos, principalmente entre 1950 e 1953, quando suas diferenças se tornaram insustentáveis. Nessa época, Rodríguez Feo havia transitado por setores da intelectualidade com os quais Lezama Lima e os poetas próximos a *Orígenes*

simpatizavam pouco. O crítico literário havia começado a seguir com entusiasmo escritores como Jorge Luis Borges, Macedonio Fernández, Marcel Schwob e Pedro Salinas. Após disputas judiciais, Lezama Lima permaneceu com a propriedade de *Orígenes*, enquanto Rodríguez Feo decidiu editar uma publicação com um perfil mais próximo às suas novas preferências estéticas (Moreno 2015, 114). Dessa forma, logo no primeiro texto programático de *Ciclón* (1955, 23), afirmou-se:

Lector, he aquí a *Ciclón*, la nueva revista. Con él, borramos a *Orígenes* de un golpe. A *Orígenes* que como todo el mundo sabe tras diez años de eficaces servicios a la cultura en Cuba, es actualmente sólo peso muerto. Quede, pues, sentado de entrada que *Ciclón* borra a *Orígenes* de un golpe. En cuanto al grupo *Orígenes*, no hay que repetirlo, hace tiempo que, al igual de los hijos de Saturno, fué devorado por su propio padre.

Ciclón, assim, questionava a vigência de *Orígenes*, propunha modos alternativos de se pensar o literário como intervenção social e criticava a atuação de Lezama Lima na revista anteriormente financiada por Rodríguez Feo. Ressaltamos que a rede de sociabilidade egocentrada conformada ao redor de Lezama Lima e da revista *Orígenes* abrigou uma série de disputas ao longo dos anos. O poeta Gastón Baquero, em entrevistas a Felipe Lázaro em 1987, por exemplo, ressaltou o caráter intransigente do diretor da revista e o fato de que seus colaboradores viviam brigados:

Siempre he tenido la impresión de que Lezama, que era una personalidad muy fuerte, que tenía un concepto exigentísimo para la selección y publicación de un material en “su” revista, aceptó a muchos de nosotros a regañadientes, porque no tenía a mano a nadie más. Creo que literalmente no nos estimaba en lo más mínimo. Lo que cada uno de nosotros hacía estaba tan lejos, a tantos kilómetros de distancia, de lo que él hacía, que la incompatibilidad era no sólo obvia, sino escandalosa. En lo personal mismo nos llevábamos bastante mal. Pero esto es propio del ambiente literario, o de los literatos de todos los tiempos. Mi veneración y mi respeto por la obra de Lezama y por su actitud ante la cultura, no me impidieron nunca reconocer que su carácter era muy fuerte, intransigente, con rigor excesivo para enjuiciar personas y obras. Casi siempre estábamos, como los niños en el colegio, “peleados”. No nos reuníamos en grupo jamás, porque no existía tal grupo, sencillamente. [...] Esto no quiere decir que desconozca o niegue el valor de la revista *Orígenes* (Lázaro 2012, 37).

Dessa forma, especulamos que, além de devido a diferenças estéticas e políticas, o desacordo entre Lezama Lima e Rodríguez Feo pode ser compreendido na ótica das disputas por poder dentro do meio intelectual cubano. Afinal, na origem do desentendimento entre os dois intelectuais esteve a publicação sem o consentimento de Rodríguez Feo de um texto de Juan Ramón Jiménez em *Orígenes*. Além disso, a relação de Virgilio Piñera com a revista de Lezama Lima foi conturbada, e teve seu ponto culminante na publicação de uma resenha de Cintio Vitier em 1945, sobre *Poesía e Prosa* (1944), na qual define a poesia de Piñera como vazia, “reverso humano de la nada”, reflexo da realidade do momento, de “superficie siniestra de irrealidad” e do “vacuo disparate que lo absorbe todo” (Sousa 2019, 98).

Adriana Kanzepolsky (2004) se detém na análise das capas dos primeiros números de *Ciclón* e *Orígenes* para compreender as diferenças e semelhanças entre seus projetos editoriais. *Ciclón* adota um desenho do artista plástico origenista Mariano Rodríguez como parte de sua estética visual, especificamente um desenho do deus grego Éolo. Kanzepolsky argumenta que, mais do que o estabelecimento de um dissenso, *Ciclón* teria, na verdade, estabelecido um movimento de torção em relação ao universo fundado pela revista de José Lezama Lima, em que não haveria uma destruição total dos valores da publicação do escritor católico, senão uma amarração que levaria a uma nova perspectiva, o que se veria, por exemplo, na escolha de um artista origenista para as capas da nova revista:

El primer número de la revista de Lezama también había salido con un grabado del pintor Mariano Rodríguez, quien volvería a ilustrar sus tapas repetidas veces. Ahora, si el pintor es el mismo, el tenor de la ilustración difiere sustancialmente, no solo porque en *Orígenes* la imagen no reduplica el título, sino porque mientras la nueva muestra una tormenta en tapa, la primera exhibe una armoniosa pareja que, entrelazada, surge de las aguas. [...] el pintor es el mismo pero el propósito del dibujo es outro (Kanzepolsky 2004, 842).

Kanzepolsky questiona, então, se o leitor estaria diante de uma prolongação de *Orígenes*. Apesar das continuidades, como o artista das capas e a publicação de literatura espanhola, *Ciclón*, em seu primeiro número, publicou autores mais jovens que aqueles de *Orígenes*. Além disso, a publicação de um fragmento de *Las ciento veinte jornadas de Sodoma*, do Marquês de Sade, marca uma diferença significativa em relação à revista de Lezama Lima, e ratifica a intenção da revista de produzir polêmica, indo contra a “hipocresía de los hombres y los Índices de todas las instituciones” (Kanzepolsky 2004, 844). A temática da sexualidade, fortemente presente em *Ciclón*, era ignorada em *Orígenes*.

CICLÓN E AS REDES DE SOCIABILIDADE INTELECTUAL

As revistas destacam-se por seu diálogo com o tempo presente, por sua intencionalidade de intervir na esfera pública, por seu afã de questionar a hegemonia, formar e alterar a opinião pública e modificar a sociedade, como apontam Regina Crespo (2010), María del Carmen Grillo (2015), Alexandra Pita González (2008), Pablo Rocca (2004) e Beatriz Sarlo (1992). Segundo Crespo (2010, 1), por se associarem ao transitório, as revistas estabelecem um compromisso mais incisivo com sua própria conjuntura, o que, em certo sentido, lhes oferece a possibilidade de atuar sobre as circunstâncias imediatas, fazendo com que, frequentemente, adquiram caráter combativo. Assim, as revistas culturais abrigam a crítica como intervenção política, constituindo uma intervenção na esfera pública a partir do discurso intelectual (Patiño 2009, 461).

Alexandra Pita González (2008, 4) aponta que essas publicações periódicas servem de meio para que os intelectuais assumam seus posicionamentos e definam suas participações nos debates intelectuais de sua época, em relação a outros grupos de poder (econômicos, políticos, sociais), encontrando um espaço que legitime a posição que desejam alcançar. Adriane Vidal Costa (2018, 162) pontua, ainda, que as revistas podem ser percebidas como pontos de encontro de itinerários individuais e coletivos sob um interesse

ou concepções comuns e como meios de expressão coletivos, podendo ser um meio de compreensão das estruturas de sociabilidade intelectual.

Dessa forma, as revistas permitem o registro de um momento da cultural através dos debates, difusão de estéticas, divulgação de autores estrangeiros, traduções, enfim, do clima intelectual imperante, e, além disso, podem ser vistas como redes (Maíz 2018, 131). Entendemos por redes de sociabilidade intelectual, como proposto por Eduardo Devés-Valdés (2004, 338), a existência de contatos profissionais durante um período de anos, entre um conjunto de pessoas que se reconhecem como pares e que de maneira consciente utilizam estes contatos para promover algum tipo de atividade profissional, como circulação de informações, difusão de seus trabalhos, organização de equipes, criação de revistas ou instituições e até mesmo defesa de interesses corporativos. De acordo com Jean-François Sirinelli (2003, 248), todo grupo de intelectuais organiza-se também em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum. Apesar, porém, das redes de sociabilidade remeterem à associação de intelectuais por afinidade de ideias, elas não excluem a pluralidade de pensamentos dentro dos grupos.

A noção de redes, assim, implica o intercâmbio de ideias, conceitos, valores e bens simbólicos entre um grupo ou comunidade intelectual, restituindo a historicidade dos encontros e da circulação de ideias (Fernández Bravo 2011). É necessário, portanto, estabelecermos as conexões dos intelectuais de *Ciclón* com redes, inserindo-os em espaços de legitimação, de projeção pública, de reunião e de produção intelectual. Nesse sentido, ressaltamos que o papel de Virgilio Piñera como correspondente da revista em Buenos Aires foi essencial para o estabelecimento de redes transnacionais. Após anos na Argentina, Virgilio Piñera havia conseguido se aproximar do núcleo de intelectuais que publicavam a conceituada revista *Sur*. Contar com a aprovação da revista argentina era imprescindível para a obtenção de colaborações daquele país para *Ciclón*, e, sobretudo, porque *Sur* havia se convertido em um possível espaço de publicação para os cubanos. Apesar das críticas que o escritor cubano nutria em relação a Victoria Ocampo e aqueles intelectuais mais próximos a ela, a difusão das obras de cubanos em *Sur* era uma prioridade (Kanzepolsky 2004, 852), como transparece em correspondência de Piñera a Rodríguez Feo em março de 1956:

Es muy atinado lo que dices del artículo de Gombrowicz. Precisamente estaba por volver a escribirte para que aplazara su publicación. *No conviene en estos momentos ponernos a mal con Borges, Victoria y Sur, etc. Está a punto de salir lo tuyo en Sur, también mi novela.* Además, ese artículo hace gran elogio de mi persona en detrimento de los escritores argentinos. Podría tomarse como que *Ciclón* aprovecha la coyuntura para destacar a un escritor cubano. Por supuesto que deberá ser publicado, pero esperemos a que las cosas hayan ido apareciendo. No vamos ahora a echar por tierra el edificio levantado con tanto trabajo (Pérez Leon 1995, 178) [Itálicos nossos].

Demonstra-se, assim, como a intelectualidade usa a rede para tornar conhecida sua produção e difundir suas ideias. Neste caso, as redes intelectuais de caráter transnacionais são vias privilegiadas para colocar em ampla circulação as ideias por meio de vários canais, como as próprias revistas, conferências e congressos, redes de distribuição de livros etc. Em parte, isso implica em compreendermos a circulação de ideias como um processo de emissão e recepção das ideias, evidenciando que, quando as ideias circulam em diferentes espaços e em diferentes veículos, elas vão produzindo mutações e se tornando, em grande medida, híbridas (Costa 2018, 155).

O ensaio “Contra los poetas”, do escritor polonês Witold Gombrowicz, por exemplo, foi publicado no segundo número de *Ciclón* e fazia uma crítica a projetos que haviam ignorado seu trabalho em Buenos Aires e na América Latina, localizando a revista argentina *Sur* no centro da problematização. Gombrowicz, portanto, dirigiu essa crítica ao mundo cultural da capital argentina, onde, com Piñera e outros amigos, tentava intervir desde os anos 1940. O ensaio, entretanto, ao ser deslocado de Buenos Aires a Havana nas páginas de *Ciclón*, pode ser lido nos marcos da disputa que levou à fundação da revista cubana. Na ilha, qualquer leitor poderia relacionar o ensaio ao grupo que naquele momento editava *Orígenes* (Moreno 2015, 123). Adriana Kanzepolsky (2004, 852), inclusive, defende que o ensaio pode ser lido como um texto programático de *Ciclón*, além de como um ataque aos escritores de *Orígenes*, já que o texto questionava aspectos que muitos, como Piñera, relacionavam à poesia originista: o hermetismo, o purismo e o humanismo.

Além de remeter ao caráter híbrido das ideias, fazendo com que os intelectuais, dentro de uma rede, adquiram a função de importantes veiculadores de ideias, o caso do ensaio “Contra los poetas”, de Gombrowicz, ilustra também o fato das revistas não serem obras fechadas em si mesmas. Segundo Michel Leymarie (2002, 17):

Les revues ne comptent guère dans la vie littéraire que parce qu’elles participent à un mouvement général: chacune d’elles, isolée, ne signifie rien [...] il est impossible aux revues de s’ignorer car il y a entre elles une solidarité: elles prennent part à une tâche commune, elles s’expliquent, se complètent l’une l’autre, vivent dans une même atmosphère, sont parcourues par les mêmes lecteurs. Elles valent par leur nombre, par leur ensemble.

Desse modo, é imprescindível, para uma melhor compreensão de *Ciclón*, que realizemos um mapeamento daquelas publicações com as quais ela dialogou, polemizou e debateu, como foram os casos de *Orígenes* e *Sur*. No caso de *Sur*, ainda que *Ciclón* possuísse diversas críticas ao papel exercido pela publicação no meio intelectual latino-americano, Virgilio Piñera compreendia que não poderia se dar ao luxo de prescindir do apoio da revista argentina, visto que isso comprometeria o sucesso de *Ciclón* a nível continental (Kanzepolsky 2004, 853). Quanto a *Orígenes*, ainda que a nova revista cubana se apresentasse como uma opositora da publicação de Lezama Lima, autores como Kanzepolsky (2004) entendem que, em alguns aspectos, *Ciclón* a complementava. Ainda que muitas vezes *Ciclón* incorporasse fragmentos das mesmas literaturas que *Orígenes*, como a espanhola e a argentina, os escritores e os gêneros escolhidos costumavam ser outros. Em alguns momentos, *Ciclón* se desviava de *Orígenes* e, em outros, aprofundava e radicalizava alguns de seus traços.

Já autores como Francy Moreno (2017) compreendem que, enquanto *Orígenes* possuía uma proposta universalista, apostando no diálogo unidirecional com outras culturas, *Ciclón* possuía uma proposta cosmopolita, investindo em intercâmbios internacionais em termos menos assimétricos. Para Moreno (2017), tanto *Orígenes* como *Sur* pretendiam criar culturas locais legitimadas por setores reconhecidos da intelectualidade internacional. Já *Ciclón* teria pensado as trocas culturais de forma mais horizontal e menos eurocêntrica, diversificando estéticas e temáticas.

O EDITORIALISMO PROGRAMÁTICO DE *CICLÓN*

Segundo Fernanda Beigel (2003, 108), o editorialismo programático das revistas culturais do século XX produzia um espaço de articulação entre política e literatura, promovendo um editorialismo militante. Assim, o editorialismo programático de uma publicação, bem como as redes intelectuais conformadas, são essenciais para a definição dos principais temas que perpassam uma revista.

Segundo Francy Moreno (2015, 172), o sexo, o corpo e as relações eróticas apareciam na revista *Ciclón* como tema central de relatos curtos ou de histórias de amor, conformando um dos eixos programáticos da publicação. Na seção “Barómetro”, dedicada a temas da atualidade, veiculou-se notas contundentes sobre a sexualidade, apresentando uma visão crítica sobre o assunto. Nas seções “Textos Futuros” e “Revaluaciones”, por sua vez, foram realizados debates mais profundos que relacionavam a sexualidade com a literatura. No quinto número da publicação, por exemplo, foi publicado um texto de Virgilio Piñera sobre a vida e a obra de Emilio Ballagas no qual abordava-se a relação da homossexualidade com os intelectuais. Em 1956, Rodríguez Feo comentou com Virgilio Piñera por correspondência que, na rádio, “el otro día leyeron un editorial pidiendo clausurar *Ciclón* ya que constituía una publicación inmoral, pornográfica” (Piñera 2011, 155-156). Demonstra-se, portanto, como a temática da sexualidade constituía um dos principais eixos programáticos da publicação, incomodando os intelectuais mais conservadores da época.

De acordo com Dainerys Machado Vento (2016), *Ciclón* foi, enquanto existiu, o único espaço onde a literatura cubana pôde conviver em quase todas as suas expressões, apontando para a pluralidade ideológica e estética da publicação. O origenismo, com sua visão católica e idílica da ilha, foi talvez a expressão mais ausente de suas páginas (Machado Vento 2016, 5). *Ciclón* pretendia renovar as letras cubanas a partir de uma proposta estética mais plural e diversa, e criticava aqueles escritores que considerava elitistas e desconectados da realidade cubana.

Outro aspecto central do editorialismo programático de *Ciclón* era o debate acerca da função do intelectual e das circunstâncias da cultura, especialmente da literatura, em Cuba. Virgilio Piñera, por exemplo, negava a existência de uma literatura cubana e afirmava que o escritor cubano sofria de morte civil:

Tomado en su proyección social, el escritor cubano, hasta el momento presente, es tan sólo un proyecto. Utilizando una locución popular, nosotros, los escritores cubanos, somos “la última carta de la baraja”, es decir, nada significamos en lo económico, lo social y hasta en el campo mismo de las letras (Piñera 1959, 2).

Severo Sarduy (1959, 2), por sua vez, localizava o cerne do problema na falta de profissionalização do escritor cubano: “La posición, que es a la vez la tragedia del escritor en Cuba, puede resumirse en muy pocas palabras: el escritor no es un profesional, no tiene una manera de vivir de su trabajo, o como diría un publicitario, no ha creado su mercado”. Já Guillermo Cabrera Infante (1955, 56) afirmou sobre o tema nas páginas da revista:

Escribir cuentos – y poemas, ensayos, novelas: todo, excepto programas radiales, discursos políticos, crónicas sociales y artículos deportivos – es extremadamente difícil en Cuba. Hay que escribir a contrapelo de la realidad, de espaldas a la vida cotidiana, robándole tiempo al sueño y dinero al tiempo y dueño al dinero; vivir una vida de excusas, avergonzada [...] Todo para recibir una desasogante sensación de inutilidad de último absurdo, en un país que desprecia y humilla la cultura y donde escribir o pintar o hacer música es exponerse a recibir el sambenito preferido del choteo, ser “curto” o “intelectual”, es decir equivalente al insulto nacional: “comemierda”.

Ciclón, assim, posicionava-se contrariamente à falta de políticas públicas voltadas para a cultura durante o governo de Fulgencio Batista. O número seis da revista, publicado ainda em 1955, trouxe o segundo editorial da revista, intitulado “Cultura y moral”, que criticou claramente a cultura oficial e a criação do Instituto Nacional de Cultura pela ditadura de Batista, já que não constituiu um estímulo à produção cultural cubana (Miskulin 2003, 95). Nas palavras de Piñera, *Ciclón* significou:

[...] el baluarte, el reducto, contra ese aspecto de la dictadura que se hacía representar por el Instituto de Cultura y por su adocenado director Guillermo de Zéndegui. En las páginas de *Ciclón* queda constancia de las batallas sostenidas contra esa cultura oficial batistiana, que aspiraba a convertir a los escritores en ciegos, sordos y mancos (Vázquez 2016, 525).

Entretanto, no início da década de 1960, o próprio Piñera levantou questionamentos acerca do caráter de resistência da revista. Segundo o escritor, ao mesmo tempo que os escritores reunidos ao redor de *Ciclón* conformaram uma resistência à ditadura de Fulgencio Batista, estes também se isolaram e, dessa forma, reduziram seu raio de ação:

De la fundación de la República a nuestros días, en lo que respecta a la vida literaria, hemos podido ver que los grupos literarios – Grupo Minorista, de la Revista de Avance, grupo Orígenes –, a pesar de representar, como he dicho, la preservación de la cultura, eran al mismo tiempo un exponente más de la informidad cultural que padecíamos. Si los caciques conspiraban contra la inteligencia (este era su papel), estos grupos, a la vez que oponían resistencia, iban reduciendo su radio de acción. Si por no revolcarse en el fango de los caciques, si por desempeñar el papel de víctimas, se plantaban en su espléndido aislamiento y en su magnífico silencio, no estaban haciendo otra cosa que conspirar contra esa misma inteligencia. Al mismo tiempo la degradación se fue haciendo más profunda (adviento que uso el término en su acepción de grado) a medida que la corrupción iba ganando terreno (Piñera 1960, 10).

No mesmo sentido, em carta aberta a Fidel Castro em março de 1959, Piñera manifestou concordância com o chamado “pecado original” dos intelectuais cubanos, ou seja, o escritor defendeu que os intelectuais da ilha não se envolveram na luta contra Batista, dando motivos para o regime revolucionário encará-los com desconfiança:

Sabemos que el Gobierno Revolucionario tiene fundados motivos para tenernos entre ojos; sabemos que nos cruzamos de brazos en el momento de la lucha, y sabemos que hemos cometido una falta. Pretendemos, con la celebración de dicha Mesa Redonda, poner de manifiesto que si no cooperamos con ustedes fue debido a que no constituíamos, como los periodistas y los profesores, una clase (Piñera 1959, 2).

O secretário e correspondente de *Ciclón* não foi o único a tecer posicionamentos polêmicos acerca da atuação dos intelectuais durante a ditadura de Batista. Sua carta aberta a Fidel Castro e suas falas durante uma mesa redonda na CMQ Televisión, também em março de 1959, geraram réplicas contundentes de outros escritores cubanos. O jovem poeta Rolando Arteaga, por exemplo, respondeu Piñera em artigo publicado no *Diario Libre* em 21 de março do mesmo ano. Arteaga defendeu que muitos escritores jovens se engajaram na luta contra a ditadura, ao contrário da geração de Piñera, que seria hermética e pouco preocupada com a comunicação com a população da ilha:

[...] Después dice Piñera: “sabemos que nos cruzamos de brazos en el momento de la lucha”. No, señor Piñera, no fue solamente en el momento de la lucha. Los “escritores” como usted se cruzaron de brazos antes, muchísimo antes: se cruzaron de brazos en su momento, en su generación, cuando hacía falta que ustedes hablaran. Si hubieran luchado entonces, si hubieran hablado en su tiempo, tal vez las cosas después hubieran sido de otra forma... [...] No nos parece mal que reconozca que él y la mayoría de los autores de su tiempo vivió siempre de espaldas al público y a los problemas y ansias de su pueblo; que mientras él estaba enredado con su filosofía “bergsoniana” nuestro pueblo sólo pedía que se le dijeran las cosas que quería y necesitaba [ILEGIBLE] y que se las dijeran claramente para ser [ILEGIBLE] Piñera con ese “no cooperamos con ustedes” les echa encima la culpa de él a los demás autores cubanos. En Cuba y durante la tiranía se escribió y se publicó literatura que era crítica y condena a nuestros antiguos sistemas. Podría darle varios nombres, pero sería inútil: a usted le sonarían completamente desconocidos. Pues mientras nuestros honrados y valientes autores jóvenes levantaban su voz de protesta, estaba usted inmerso en la lectura de los novelistas polacos. El señor Piñera se queja ahora de que a veces “es tildado de raro”. Sorpresa. Pero, ¿no es esto lo que quería? ¿No es esto lo que buscaba él, Lezama Lima y comparsa cuando avaramente se agrupaban con el “raro” propósito de crear una refinada élite intelectual? Ahora resulta que el señor Piñera quiere ser útil, quiere cooperar. Su profunda angustia “kafkiana” ha desaparecido, o se ha modificado al extremo de querer tirar a un lado su antigua actitud desprovista de todo intento comunicativo. En algo tiene usted razón, señor Piñera: entre nosotros no puede haber comunicación. [...] (Arteaga 1959, 3)

O jornalista Agustín Tamargo também respondeu Piñera, em artigo publicado na revista *Bohemia* em 26 de abril de 1959. Assim como Arteaga, o jornalista caracterizou a geração de Virgilio Piñera e José Lezama Lima a partir do hermetismo e afirmou que suas revistas eram voltadas para minorias:

Se quejan hoy, caída la tiranía, de que no se cuenta con ellos para nada. Y hay que volver a preguntarles: ¿Y cuándo han contado ellos con el pueblo para nada tampoco? Pero escribir un cuento enrevesado en una revistilla de minorías, machacar un poemita meses y meses, o pujar una novelita cansona, todo de espaldas al país, todo con los oídos sordos al clamor de protesta o de las masas, y pretender luego que esas masas entiendan aquel “mensaje”, que no fue escrito para ellas, ni pensando por ellas, ni tiene que ver nada con ellas, me parece una irreverencia por no decir otra cosa peor. Los escritores posteriores a esa Generación del 30 tomaron otros rumbos. Eligieron caminos diferentes. No nos referimos, claro está, a los que estaban en la mesa redonda de referencia, algunos de los cuales tienen muy escasa obra, o no tienen ninguna. Pensamos más bien en la generación (¿así se dice?) anterior, la del grupo de Lezama Lima. Como lector y admirador que soy de Lezama Lima, yo le pregunto a los panelistas de la mentada mesa: ¿Cuál es el trabajador, el estudiante, el campesino, el profesional no especializado en literatura, que entiende estos poemas? ¿De qué fuentes han sido sacados? ¿Qué tiene que ver no ya con la realidad de Cuba, sino con Cuba como elemento literario? El señor Piñera dijo que Batista se sentía inquieto cuando anunciaban una huelga los obreros de la COA, pero que le importaban tres pepinos los escritores porque no estaban organizados en gremio. ¿No será más bien porque Batista sabía, como sabe todo el mundo, que a esos escritores nadie los ha leído? (Tamargo 1959, 64)

Percebe-se, dessa maneira, como diferentes grupos debateram e disputaram entre si a definição da arte e do intelectual revolucionário a partir de 1959. Se até 1957 *Ciclón* posicionou-se contra a figura do intelectual como guia moral das sociedades, focando em desnaturalizar a crença em valores da moral burguesa e de instituições como a Igreja, a família e o Estado (Moreno 2015, 131), a partir de seu último número, dedicado à Revolução, novas ideias que defendiam a cultura a serviço de uma causa social e política já haviam começado a circular (Schwartz 1975, 928). Logo, no início da década de 1960, a concepção de um intelectual engajado e em contato estreito com as massas parece ter prevalecido nos debates entre aqueles que apoiaram a vitória do Movimento 26 de Julho. Demonstra-se, assim, como, no campo cultural, o poder diz respeito a uma série de disputas simbólicas, como pela legitimidade e pelo domínio dos sentidos e das interpretações (Bourdieu 2002).

CONCLUSÃO

Nas últimas décadas, os estudos sobre revistas se converteram em um dos pilares da história intelectual latino-americana. Objeto durante décadas de usos instrumentais para a crítica ou a história literária, as revistas se transformaram, desde a perspectiva da história intelectual, em matéria de estudo por seu próprio significado, sobretudo como meios de intervenção político-cultural de grupos (Tarcus 2015, 18). Ainda assim, segundo Dainerys Machado Vento (2015, 45): “Ciclón ha sido, en las últimas décadas, un susurro entre las tantas voces que abordan la historia de la literatura cubana, una materia que se sabe existente, pero sobre la que se regresa sin intenciones de profundizar, como si estuviera agotada en las enunciaciones previas”.

Nesse sentido, ressaltamos que *Ciclón* tornou-se, com o passar do tempo, uma importante publicação no campo literário cubano, rompendo com o que estava sendo feito não apenas em *Orígenes*, como também em outras revistas (Miskulín 2003, 95). A publicação foi aberta a uma variedade de tendências de pensamento, constituindo um espaço plural das expressões artísticas e ideológicas, o que fazia parte de uma inquietude intelectual presente não só em Cuba, mas internacionalmente. Sem dogmatismos e aberta para a divulgação da literatura de diversas partes do mundo, *Ciclón* apoiou-se fortemente no cosmopolitismo (Miskulín 2003, 96).

A concepção de cultura dos editores de *Ciclón* se baseava na liberdade de criação e de ideias, o que não se ajustava à “moral oficial”, mas construía uma cultura que não temia os temas tabus e proibidos nem a censura do governo Batista (Miskulín 2003, 95). A partir de 1959, os colaboradores mais assíduos da revista aderiram à Revolução, participando de uma série de publicações do novo governo. Nesse momento, a defesa do intelectual engajado na luta contra Batista e na defesa da Revolução prevaleceu nos debates, sendo, paulatinamente, substituída pela defesa de um intelectual crítico, o que entraria em choque com as demandas da Revolução no âmbito cultural a partir principalmente de meados da década de 1960, quando iniciou-se o fechamento do meio cultural.

REFERÊNCIAS

Documentais

- ARTEAGA, Rolando. Al señor Virgilio Piñera. *Diario Libre*, La Habana, 21 de marzo, 1959, p. 3.
- Borrón y cuenta nova, *Ciclón*, 1955, p. 23.
- CABRERA INFANTE, Guillermo. Antología del cuento en Cuba (1902-1952). *Ciclón*, n. 2, 1955, p. 56.
- LÁZARO, Felipe. *Conversaciones con Gastón Baquero*. Madrid: Editorial Betania, 2012.
- PÉREZ LEON, Roberto. *Tiempo de Ciclón*. Havana: Ediciones Unión, 1995.
- PIÑERA, Virgilio. Al señor Fidel Castro. *Diario Libre*, La Habana, 14 de marzo, 1959, p. 2.
- PIÑERA, Virgilio. Pasado y presente de nuestra cultura. *Lunes de Revolución*, núm. 43, La Habana, 18 de enero, 1960, pp. 10-12.
- PIÑERA, Virgilio. *Virgilio Piñera de vuelta y vuelta: correspondencia 1932-1978*. Havana: Ediciones Unión, 2011.
- SARDUY, Severo. Abajo el latifundio de la cultura. *Revolución*, año 2, n. 246, La Habana, 22 de septiembre, 1959, p. 2.
- SARDUY, Severo. Posición del escritor en Cuba. *Combate 13 de Marzo*, época 2, año 3, n. 43, La Habana, 6 de mayo, 1959, p. 2.
- TAMARGO, Agustín. Escritores y periodistas. *Bohemia*, n. 17, 26 de abril de 1959, pp. 64-65

Bibliográficas

- BEIGEL, Fernanda. Las revistas culturales como documentos de la historia latinoamericana. *Utopía y Praxis Latinoamericana*, enero-marzo, pp. 105-115, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. *Campo de poder, campo intelectual*. Editorial Montessoro, 2002.

COSTA, Adriane Vidal. Uma proposta teórico-metodológica para o estudo de redes intelectuais latino-americanas formadas nos exílios nas décadas de 1960 e 1970. In: COSTA, A; MAÍZ, C. (Org.). *Nas tramas da "cidade letrada": sociabilidade dos intelectuais latino-americanos e as redes transnacionais*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2018.

CRESPO, Regina. *Las revistas y suplementos culturales como objetos de investigación*. In: Coloquio Internacional de Historia y Ciencias Sociales. Colima: Universidad de Colima, 2010.

DEVÉS VALDÉS, Eduardo. La circulación de las ideas y la inserción de los científicos económico-sociales chilenos en las redes conosureñas durante los largos 1960. *Historia*, n. 37, vol II, Instituto de Historia, Pontificia Universidad Católica de Chile, julio-diciembre, 2004.

FERNÁNDEZ BRAVO, Álvaro. Discusión bibliográfica: nuevas contribuciones para una teoría de las redes culturales. *Cuadernos de CILHA* [online], vol. 12, n. 1, pp. 209-215, 2011.

GRILLO, María del Carmen. El estudio de revistas como objeto historiográfico para la historia de las redes intelectuales. *Coloquio Internacional de Historia y Ciencias Sociales*. Colima, Universidad de Colima, 2010, Publicación en CD-ROM, p. 1-22.

GRILLO, Maria del Carmen; PITA GONZÁLEZ, Alexandra. Una propuesta de análisis para el estudio de revistas culturales. *Revista Latinoamericana de las Ciencias Sociales*, vol. 05, n. 1, 2015.

KANZEPOLSKY, Adriana. Acerca de algunos extranjeros. De Orígenes a Ciclón. *Revista Iberoamericana*, n. 208-209, pp. 839-855, 2004.

LEYMARIE, Michel; MOLLIER, Jean-Yves; PLUET-DESPATIN, Jacqueline. *La Belle Époque des revues (1880 – 1914)*. Éditions de L'IMEC, 2002.

MACHADO VENTO, Dainerys. *Lugares comunes (Un estudio sobre la revista cubana Ciclón, (1955-1959))*. 2016. 421 f. Dissertação (Mestrado em Letras). El Colegio de San Luis, México, 2016.

MACHADO VENTO, Dainerys. Filosofía y psicoanálisis en temporada ciclónica. *La Gaceta de Cuba*, 2015.

MAÍZ, Claudio. Las re(d)vistas latinoamericanas y las tramas culturales. Redes de difusión en el romanticismo y el modernismo. In: COSTA, A; MAÍZ, C. (Orgs.). *Nas tramas da "cidade letrada": sociabilidade dos intelectuais latino-americanos e as redes transnacionais*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2018.

MISKULIN, Sílvia Cezar. *Cultura ilhada: imprensa e revolução cubana, 1959-1961*. São Paulo: Xamã, 2003.

MORENO, Francy. *Cartografía cultural de Ciclón (La Habana 1955-1957/1959)*. 2015. 274 f. Tese (Doutorado em Letras). Facultad de Filosofía y Letras, Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM), México, 2015.

MORENO, Francy. *La invención de una cultura literaria: Sur y Orígenes*. Dos revistas latinoamericanas del siglo XX. 2009. 201 f. Dissertação (Maestría en Estudios Latinoamericanos). Facultad de Filosofía y Letras, Universidad Nacional Autónoma de México, México DF, 2009.

MORENO, Francy. Universalismo, cosmopolitismo y política editorial en revistas culturales del siglo XX. *Latinoamerica: Revista de estudios Latinoamericanos*, n. 64, 2017.

PATÍÑO, Roxana. América Latina: literatura e crítica em revista(s). In: SOUZA, G; MARQUES, R. (Org.). *Modernidades alternativas na América Latina*. Belo Horizonte, UFMG/Humanitas, 2009.

PITA GONZÁLEZ, Alexandra. Las revistas culturales como fuente para el estudio de redes intelectuales. In: PALÁCIO MONTIEL, Celia del; MARTÍNEZ MENDOZA, Sarelly (coord.). *Voces en papel. La prensa en Iberoamérica de 1792 a 1970*. México, Universidad Autónoma de Chiapas, 2008.

ROCCA, Pablo. Por qué, para qué una revista (Sobre su naturaleza y su función en el campo cultural latinoamericano). *Hispanica*, año XXXIII, n. 99, diciembre de 2004.

RODRÍGUEZ FEO, José. Las revistas Orígenes y Ciclón. *América: Cahiers du CRICCAL*, n. 9-10, 1992.

ROJAS, Rafael. *Tumbas sin sosiego: revolución, disidencia y exilio del intelectual cubano*. Barcelona: Anagrama, 2006.

SARLO, Beatriz. Intelectuales y revistas: razones de una práctica. *América, Cahiers du CRICCAL*. Paris, Sorbonne la Nouvelle, n. 9-10, 1992.

SCHWARTZ, Kessel. Ciclón and the Castro revolution. *Hispania*, pp. 926-928, dez. 1975.

SCHWARTZ, Kessel. Ciclón y Cuban culture. *Caribbean studies*, vol. 14, n. 4, pp. 151-161, 1975.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: Rémond, René (Org.) *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

SOUSA, Pacelli Dias Alves de. *Políticas da escrita em Mariel Revista de Literatura y Arte (1983-1985)*. 2019. 143f. Dissertação (Mestrado em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

TARCUS, Horacio. Una invitación a La Historia Intelectual. Palabras De Apertura Del II Congreso De Historia Intelectual De América Latina. *Pléyade*, n. 15 (julio), pp. 9-25, 2015.

VÁZQUEZ, Manuel Fuentes. Transición política y literaria en la revista cubana Ciclón: el viaje de Virgilio Piñera. In: TAPIA, A; CERVELLÓ, J. (Org.). *Transiciones en el mundo contemporáneo*. Tarragona, Ciudad de México, 2016.

REVISTA CICLÓN

Redes de Sociabilidade e Polêmicas Intelectuais

Durante a Ditadura de Fulgêncio Batista

Artigo recebido em 25/09/23 • Aceito em 10/11/23

DOI | doi.org/10.5216/rth.v26i2.77194

Revista de Teoria da História | issn 2175-5892



Este é um artigo de acesso livre distribuído nos termos da licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o trabalho original seja citado de modo apropriado